

TREZE

JANEIRO

Publicação nº 25 | 2022 | Divisão de Inovação, Cooperação, Empreendedorismo e Empregabilidade da Universidade de Évora



TREZE PONTES...

Paulo Infante

UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS

João Carrega

TREZE



13870 acessos via portal

www.uevora.pt/innovar/gaitec/treze



119200 pessoas alcançadas

@uevora | @D!C2E



//EDITORIAL

TREZE PONTES...

No dia 13 de Janeiro de 2020, 13 meses exatos depois da criação do GAITEC, publicámos o número um da TREZE. A ideia base era ter uma publicação mensal do Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação da Universidade de Évora (agora DIC2E), dirigida essencialmente à comunidade académica e ao tecido empresarial, que focasse as diferentes áreas de atuação do gabinete: Transferência de Conhecimento e I&D Aplicada; Propriedade Intelectual e Spin-offs; Projetos Transversais; Cooperação; Empregabilidade; Estágios; sendo que mais tarde também integrou os *Alumni* e a UÉLab (Unidade de Gestão Laboratorial).

Desde o início pretendemos contribuir para uma maior abertura das portas da Universidade ao Mundo, permitindo que a sociedade e as empresas nos conheçam, que descubram o valor do conhecimento produzido e as inúmeras competências existentes. A própria academia desconhece muito do que se passa dentro dela. Um maior conhecimento de quem somos conduz à criação de pontes que levam, por exemplo, a uma maior cooperação entre os diversos membros, a inovação, uma investigação de excelência, à criação de valor, a uma maior projeção da Instituição e a que tenhamos um maior orgulho de quem somos. Por outro lado, dar-nos a conhecer ao exterior permite-nos construir pontes de transferência de conhecimento no desenvolvimento e criação de novos produtos, na sustentabilidade do planeta, na prevenção, tratamento e cura de doenças, na melhoria da qualidade de vida, entre muitos outros exemplos. Finalmente, poder trazer para dentro da academia testemunhos, ideias, experiências, boas práticas, o saber adquirido com o honesto estudo com longa experiência misturado, de personalidades externas à academia ou dos nossos *Alumni*, contribui inevitavelmente para a construção de mais pontes que levam a um maior desenvolvimento da própria Academia.

A TREZE faz hoje 2 anos!

Foram 619 páginas com textos, brochuras e infografias, entre outras informações que nos pareceram relevantes em cada momento. Os 243 textos publicados tiveram 197 autores e coautores, de dentro e de fora da academia. Internamente contámos com textos de Diretores das Escolas, Diretores de Unidades de Investigação, Presidentes dos Conselhos Científicos, Diretores de Departamento, Diretores de Curso, Docentes, Investigadores, Não Docentes, Estudantes e da Equipa que foi constituindo o GAITEC/DIC2E. Externamente contámos com textos de membros do Governo, do Presidente da A3ES, de membros de diversas Instituições de Ensino Superior, de fundadores e CEO de diversas empresas nacionais e internacionais, de dirigentes e de representantes de diversas instituições nacionais e regionais na área da inovação e do empreendedorismo e até de uma estudante do ensino secundário. Foi feito pela primeira vez um índice remissivo para os primeiros 24 números, que podem encontrar no final desta edição.

A TODOS MUITO OBRIGADO por nos terem ajudado a cumprir e a superar o objetivo inicial! Um agradecimento especial à equipa da DIC2E que esteve sempre lá quando necessário, à equipa DivCom pela colaboração e por sempre terem cumprido com a publicação independentemente do dia da semana, com um destaque particular à Susana Oliveira que tão brilhantemente tem desempenhado a tarefa hercúlea de construir graficamente a TREZE todos os meses (muitas vezes trabalhando noite dentro) e ao Sr. Vice-Reitor Soumodip Sarkar e à Sra. Reitora Ana Costa Freitas por terem acreditado no projeto desde o início e pelo apoio que sempre deram.

Estou certo de que a TREZE continuará a levar o que de muito bom se faz na área da **T**ransferência, **E**mpreendedorismo e **E**mpregabilidade, sempre com uma equipa com enorme **R**esiliência e sentido de **Z**elo, continuando a construir pontes de transferência para o futuro!

*Paulo Infante,
Pró-Reitor da Universidade de Évora*



Sempre defendi que as instituições de ensino superior não devem ter fronteiras. Nessa perspectiva olho para a Universidade de Évora (UÉ) com o forte desejo que seja, cada vez mais, uma universidade sem fronteiras internas ou externas, que se consiga potenciar nos seus diferentes domínios de intervenção e naquilo que é a sua relação consigo própria, com a região, com o país e com o mundo.

Esta minha perspetiva saiu reforçada após a visita que o Conselho Geral promoveu, em dezembro, às diferentes escolas e espaços da UÉ, possibilitando aos conselheiros, internos e externos, conhecer a instituição. O dia revelou-se pequeno para processarmos tanta informação, mas permitiu verificar o dinamismo empregue por todas as suas unidades, professores e investigadores, bem como a paixão, entusiasmo e rigor com que os espaços e alguns dos projetos em curso nos foram apresentados.

É num contexto de competitividade e num quadro difícil, pós-pandemia, que as instituições de ensino superior ganham uma impor-

tância redobrada. A relação com a região e da região com a universidade, na sua globalidade, é determinante. A academia, o poder local e o tecido empresarial devem saber derrubar muros e construir, juntos, o futuro de todos.

Hoje, a UÉ é um bom exemplo de como a partir do interior do país é possível ser-se uma referência no ensino superior e na investigação. Os seus centros de investigação têm como foco a excelência, assim como todos os docentes e investigadores. O caminho percorrido tem tido resultados muito positivos, mas acredito que há condições para melhorar.

Neste processo, complexo, a própria UÉ deve conhecer-se a si própria, para que todos possam ter uma visão global da universidade, sem fronteiras conceptuais, ou outras, que muitas vezes minam o tecido académico e o impedem de progredir.

A relação entre a universidade e o tecido económico é outro vetor a ter em conta. Aquilo que, em conjunto, podem fazer é muito superior ao que, individualmente, cada um faz. Como? Levando a universidade às empresas, e trazendo as empresas à universidade, com projetos concretos que podem passar por formação à medida ou pelo desenvolvimento de investigação que solucione problemas ao tecido empresarial. Nesta relação muitos passos foram dados que permitiram criar ecossistemas importantes para a região e para o país. Os exemplos dessa relação, recíproca, são muitos, contudo nem sempre têm o reconhecimento da opinião pública, da academia, das empresas ou do Estado. É uma fronteira que terá de ser derrubada.

Para a região, a UÉ assume-se como um dos seus principais polos de desenvolvimento. Por tudo aquilo que atrás referi, mas também pelo impacto económico que alunos, professores, investigadores, funcionários e projetos empresariais (com origem na academia) provocam na cidade e no distrito. Falamos de largos milhões de euros que são inseridos na economia regional, de forma direta e indireta, através do funcionamento da universidade. Cada euro investido pelo Orçamento de Estado na UÉ, tem um retorno significativo na economia regional.

Mas uma universidade sem fronteiras deve ser uma universidade do mundo, aberta e capaz de, através da produção de conhecimento, tornar-se universal. Este é um eixo estruturante, onde a UÉ tem feito o seu caminho, através da construção de redes internacionais e nacionais de ensino, de investigação e de estratégia, algumas desenvolvidas no âmbito Horizonte 2020.

Importa olhar, por isso, para as universidades europeias como uma oportunidade. Cada uma é composta, em média, por sete instituições de ensino superior de diferentes países e receberá até 5 milhões de euros do Erasmus+ e até 2 milhões de euros do Horizonte 2020. Estas Universidades Europeias serão uma fonte de aprendizagem para que, no futuro, muito provavelmente em 2023, novos consórcios possam ser aprovados e financiados.

Estou certo de que a Universidade de Évora não só irá abraçar esse desafio, como, com o seu dinamismo, abraçará mundos, derrubando as 'fronteiras' (internas e externas) que ainda não caíram.

À revista TREZE, a todos aqueles que dela fazem parte e aos seus leitores, endereço os meus parabéns pelo seu segundo aniversário, com votos de muitas felicidades e de um bom 2022.

*João Carrega,
Presidente do Conselho Geral
da Universidade de Évora*

//A LIGAÇÃO ENTRE AS UNIVERSIDADES E AS EMPRESAS PODE FAZER A DIFERENÇA NA ECONOMIA



O investimento feito pela sociedade portuguesa no ensino superior não está a gerar o impacto esperado na economia. Segundo a PORDATA, a percentagem da população entre os 30 e os 34 anos com curso superior completo subiu de 9,8% para 39,6% nas duas primeiras décadas deste século. No entanto, a produtividade subiu no mesmo período a um ritmo frustrante de 0,73% ao ano, em linha com os salários. Um dos paradoxos nacionais é que a geração mais bem preparada não está a produzir a riqueza esperada para os portugueses.

Não sendo a causa mais relevante deste paradoxo, estou convencido que uma maior aproximação entre as universidades e o tecido empresarial pode contribuir para que o aumento dos graduados produza mais riqueza e bem-estar para todos. As sinergias criadas por essa aproximação vão nos dois sentidos. Por um lado, ajuda a modernizar as empresas, pela ligação ao conhecimento e à ciência das universidades. Por outro, permite às universida-

des o desenvolvimento das competências humanas e executivas (*soft-skills*) que as empresas (e a produtividade) exigem. Mais, a capacidade de criar valor para as empresas permite moderar o subfinanciamento crónico do ensino superior público em Portugal.

Existem várias alavancas para potenciar esta ligação. Em primeiro lugar, a melhoria da integração dos graduados no mercado de trabalho através da aproximação à dinâmica de recrutamento das empresas. Os departamentos de pessoas (RH) das empresas são um parceiro de excelência no desenvolvimento de competências dos alunos, para uma empregabilidade consequente para a produtividade das empresas e para o sucesso profissional dos graduados.

Em segundo lugar, a integração do conhecimento interno às empresas em agendas letivas ou de investigação, através da participação dos gestores e profissionais em unidades curriculares ou da análise de *case-studies* das empresas em projetos de investigação aplicada. Estes ajustamentos dos currículos e das agendas de investigação desenvolve nos alunos competências cada vez mais em exigência no mercado de trabalho: o ensino universitário moderno transcende o "saber" para incluir o "saber fazer," através da aprendizagem prática e aplicada em complemento aos conceitos teóricos e abstratos.

Em terceiro lugar, a integração de equipas de alunos e professores na geração de soluções inovadoras e disruptivas pode ser um motor de transformação das empresas. Num mundo empresarial em disrupção permanente, onde

as empresas com mais futuro serão aquelas com maior capacidade de inovar, de se questionar e de se transformar, a capacidade dos jovens universitários para analisar os desafios de forma crítica e de gerar soluções originais pode ser um elemento importante para a competitividade empresarial.

Infelizmente, o desafio maior para tirar partido destas parcerias é o gap cultural entre as empresas e as universidades. O primeiro elemento é a desconfiança. O rigor académico das universidades é visto pelas empresas como falta de sentido prático e de vontade de impacto. A pressão competitiva e a exigência de rentabilidade das empresas é vista pelas universidades como mercantilismo e falta de respeito pela ciência. O segundo elemento é a velocidade. A vida das empresas é rápida na decisão e na execução, mesmo que o risco seja elevado; o ambiente competitivo assim o exige. A vida nas universidades é lenta: colegialidade na decisão e burocracia na execução. O terceiro elemento é a governança. Na empresa, a estrutura de poder é linear: os acionistas e o CEO decidem e esperam execução. Na universidade, o poder é difuso - assente no equilíbrio entre professores com contratos vitalícios, conselhos científicos e diretores - e o processo de decisão e execução é colegial. Estas dificuldades rapidamente geram frustração e muitas vezes inviabilizam as tentativas de colaboração.

O reconhecimento das diferenças exige humildade intelectual das duas partes, como ponto de partida. Essa humildade materializa-se em dois comportamentos. Em primeiro lugar, o respeito por essas diferenças e a gestão das expectativas do que cada parte pode exigir e entregar. Em segundo lugar, a necessidade de ajustamento interno de cada um para poder ser uma contraparte mais colaborativa com o outro. Para as universidades isto implica um esforço para maior eficiência, velocidade e impacto.

Não sendo fácil, é um projeto que não tem alternativa. As universidades que se aproximarem mais das empresas terão maior sucesso, assim como as empresas que se aproximarem mais das universidades. Para os que não sigam esta via - porque é difícil ou ideologicamente impura - a vida será mais fácil e mais óbvia durante um tempo, mas a dinâmica competitiva demonstrará o caminho para a irrelevância. E, como é apanágio dos nossos dias: muito mais depressa do que esperamos.

*Daniel Traça,
Dean da Nova School of Business and Economics (Nova SBE)*

// APROFUNDAR AS REDES NEURONAIS DO TERRITÓRIO E DESTE COM O MUNDO



Tornei-me aluno da Universidade de Évora no extraordinário tempo em que as tecnologias de informação e comunicação chegaram ao dia-a-dia dos estudantes.

Durante a licenciatura, os relatórios e trabalhos passaram de manuscritos a impressos e termos como PC, disquete ou programação tinham para nós a mesma aura futurista com que hoje nos referimos a IA, realidade aumentada ou metaverso.

Nesse tempo, a Academia assumia de forma avassaladora, e em circuito muito fechado, as funções de agregadora e disseminadora de conhecimento, que fluía lentamente de mestre para mestre, de sebenta em sebenta, com as revistas científicas, chegadas à biblioteca em papel, a representarem muitas vezes a mais rápida forma de contacto com a novidade e a inovação. Em relação a hoje, tudo era incomparavelmente hermético e as interações com a realidade exterior quase nulas.

Quando iniciei o curso de mestrado, pouco tempo depois, já muito tinha mudado porque tínhamos entrado na era da internet. Graças a esse recurso, foi-me possível estabelecer contactos com investigadores nos Estados Unidos e desenvolver uma tese sobre uma temática que tinha em Portugal dois ou três pequenos trabalhos publicados por outros tantos investigadores e que dois ou três anos antes teria sido impossível de concretizar.

Nas três décadas que, entretanto, passaram (já?!) o mundo mudou muito e a Academia também. Se o fez ao mesmo ritmo do mundo já é mais difícil de avaliar. O mundo está a encarregar-se de nos fazer sentir a todos sempre um passo atrás das transformações que nos impõe e quanto maior é a escala da organização em causa mais difíceis são as mudanças. Esforços não terão faltado.

Evoco neste texto a experiência do meu próprio percurso para mostrar o ritmo exponencial de transformação à nossa volta e o grande orgulho que sinto por, apesar de tudo, ter recebido da Universidade de Évora o espírito e as ferramentas necessárias para aprender, aprender a aprender e a manter sempre muito viva essa vontade. A mais preciosa das competências que uma instituição de ensino pode proporcionar a um aluno.

Hoje, é inquestionável o papel que o conhecimento científico e tecnológico, em constante mutação, tem nas nossas vidas e virá a ter no futuro, em especial, na procura das respostas necessárias para os grandes desafios que enfrentamos nas várias escalas em que in-

teragimos, da esfera da comunidade local à nossa própria existência no planeta.

A Academia só pode encurtar distâncias para o mundo que a rodeia, em primeiro lugar, conhecendo-se a si própria, quebrando barreiras internas e deixando fluir conhecimento em todas as direções como se de uma rede neuronal se tratasse onde mais ligações, significam mais possibilidades, mais centelhas, mais inovação. Em segundo lugar, deve abrir-se ao mundo que a rodeia mostrando o que tem para lhe oferecer e, ao mesmo tempo, abrir as portas para que esse mundo se sinta convidado a entrar.

Estou certo de que muitos serão já os caminhos que estão a ser explorados para estes fins, mas também acredito que a margem de exploração de novas possibilidades continua a ser grande e é obrigação de todos contribuir com novas ideias e novos desafios.

Na ADRAL, estamos convencidos que a ponte entre a Academia e a sociedade e as empresas é fundamental para a mobilização de conhecimento e sua colocação ao serviço da região e para a criação de novo conhecimento, aplicado a problemas concretos, únicos, que surgem no território e que exigem resposta local.

Enquanto agência ao serviço do desenvolvimento da região, estamos vocacionados para ajudar a acelerar todos esses processos e encontro, por exemplo, terreno fértil para uma estreita parceria desta agência com a Universidade de Évora e as restantes instituições de ensino superior da região para as aproximar de municípios e empresas.

Fazemos pontes com o mundo e podemos encontrar na sociedade e no tecido empresarial os parceiros necessários para projetos de investigação nascidos no seio das instituições académicas. Em sentido inverso, podemos desafiar a Academia a criar caminhos de investigação para a resolução de problemas trazidos até nós pelas empresas e pelos municípios.

Podemos contribuir para a criação de oportunidades de estágio e de primeiro emprego de recém-licenciados nas empresas da região, ajudando-as a tirar partido dos apoios existentes para este fim e sensibilizando para o poder transformador que um licenciado pode ter numa pequena ou média empresa e deste modo contribuir para o aumento dos índices de fixação de jovens no Alentejo. Muitos são que os que veem de todo o país para estudar connosco. Poucos são os que ficam.

Podemos fazer da rede de incubadoras e viveiros de empresas que estamos a ajudar os municípios a gerir polos privilegiados para a efetivação destas dinâmicas.

Podemos contribuir para o adensar da rede neuronal do território. Vamos ligar-nos?!

*João Grilo,
Presidente da Agência de Desenvolvimento
Regional do Alentejo (ADRAL)*

// DESAFIOS PARA A UNIVERSIDADE DE ÉVORA NA ÁREA DA SAÚDE - DESENVOLVER REDES DE INTELIGÊNCIA COLABORATIVA INTERNA E EXTERNAS, EM INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE



A saúde, o desenvolvimento humano e o bem-estar decorrem de uma teia de determinantes interdependentes: biologia; ambientes físico e psicossocial; economia; política; gestão; vida social, estilos de vida e comportamentos; modelos e organização da prestação dos cuidados de saúde, entre outros.

As transformações necessárias para uma saúde mais equitativa e avançada requerem rupturas com modelos instalados. Estas transformações são referidas, por exemplo, no Relatório Mundial da Saúde de 2008, no Relatório da Conferência de Astana de 2018 e nos documentos da 10.^a Conferência Global sobre Promoção da Saúde, de 2021. As universidades devem ser aliadas estratégicas deste processo transformador, superando o lastro dos saberes compartimentados e da ação setorializada.

No que respeita à Universidade de Évora, parece adequado desenvolver:

- Maior ligação ao contexto em que se insere: comunidades, organizações de saúde e empresas da sua região, mantendo-se atenta ao País e ao mundo;
- Abordagens transdisciplinares que permitam acelerar transformações na sociedade e na saúde da região - podendo a ESDH contribuir para articular conhecimentos e competências relacionadas com a Saúde e já presentes nas diversas escolas e departamentos da Universidade;
- Redes colaborativas externas de que são exemplos: o Centro Académico Clínico de Alentejo - consórcio em constituição entre a Universidade de Évora, os Institutos Politécnicos de Beja e de Portalegre, a ARS do Alentejo, o Hospital de Évora e as Unidades Locais de Saúde do Norte Alentejano, do Baixo Alentejo e do Alentejo Litoral; bem como o Campus Sul; para além da participação em redes académicas e de investigação de âmbito nacional e internacional.

Os sistemas de saúde e os modelos de cuidados estão em transformação, agora acelerada pela pandemia COVID-19. A medicina e, em geral, os cuidados de saúde requerem cada vez mais equipas multidisciplinares e dispositivos tecnológicos e recursos de conhecimento que mobilizam praticamente todas as áreas científicas atuais, com processos complexos, e organizações com maior autonomia e responsabilidade, mais interligadas e interdependentes.

Num "regresso ao futuro" a Universidade deve, simultaneamente, aprofundar o seu auto-conhecimento e abrir as portas ao mundo, interagindo com a sociedade, as organizações de saúde e as empresas, e maximizando o valor do conhecimento já produzido e das competências que muitos desconheciam existir. Estes processos internos e externos podem possibilitar mudança de atitudes, conduzindo a uma maior compreensão e cooperação mútuas, bem como a um maior orgulho na própria Instituição, pela perceção do acréscimo de valor e alcance da sua

*Victor Ramos,
Médico e Diretor da Escola de Saúde e Desenvolvimento
Humano da Universidade de Évora*



// MECANISMOS DE MONITORIZAÇÃO DA QUALIDADE DA TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO E INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE



A missão da Universidade assenta, essencialmente, no ensino, na investigação e na transferência de conhecimento e interação com a sociedade. Os dois primeiros pilares constituem as missões mais "clássicas" das Universidades, sendo que a terceira tem vindo a evidenciar uma importância crescente, por constituir o elo de ligação com o exterior.

Esta interação com a Sociedade permite delinear uma estratégia mais assertiva e compatível com as necessidades da comunidade, delineando estratégias que apoiem e incentivem o desenvolvimento da região e do país.

À semelhança do que acontece com o ensino e com a investigação também a transferência de conhecimento e a interação com a sociedade necessita de mecanismos de monitorização e garantia da qualidade.

A Universidade de Évora e a atual Divisão de Inovação, Cooperação, Empreendedorismo e Empregabilidade (DIC2E) tem implementado um conjunto de mecanismos que permite regular o funcionamento desta área da Univer-

sidade, como são exemplo, o regulamento UÉ-Lab e o regulamento de I&D Aplicada (Prestação de Serviços Especializados).

Na primeira acreditação do Sistema Interno de Garantia da Qualidade pela A3ES esta vertente do sistema obteve uma apreciação em termos de grau de desenvolvimento de emergente (desenvolvimento parcial), sendo que em resultado da última acreditação, submetido em abril de 2019, cujo resultado foi recebido em agosto de 2020, esta classificação subiu para desenvolvimento substancial (o nível acima).

Nesta última avaliação/acreditação do sistema foi evidenciado pela CAE a gestão da rede de parceiros que acolhem os estagiários e que colaboram na realização de trabalhos académicos dos estudantes, ligação que a CAE considera potenciar a empregabilidade dos alunos da Universidade.

É também focado o apoio que a atual DIC2E faz no processo de participação em redes nacionais e internacionais, consórcios e alianças estratégicas e a ligação que tem sido estabelecida com os antigos alunos.

Embora a última acreditação tenha revelado uma melhoria nos mecanismos de monitorização da qualidade desta vertente da Universidade, foram apontados pela Universidade aspetos a melhorar, alguns, entretanto já implementados ou em implementação como sejam o reforço da valorização económica do conhecimento e da inovação através de ações de promoção e divulgação da investigação e dos seus resultados e produtos e de aceleração

e incubação de empresas *start-ups* resultantes da atividade de I&D; criação de uma plataforma integrada de conhecimento e transferência de tecnologia através da criação de uma base de dados da produção científica e das competências de investigação da UÉ, identificando áreas que são de interesse para empresas e outras organizações para poder valorizar o conhecimento gerado na UÉ; definição de indicadores e fixação de critérios mínimos de criação de novos protocolos e de renovação dos existentes, nomeadamente a criação de um sistema de alerta de final de prazo dos protocolos, para análise do interesse na sua renovação; monitorização e avaliação dos contratos de prestações de serviço de modo a identificar e criar uma carteira de boas práticas, para divulgação e criação de referenciais para projetos futuros.

Iremos continuar a aprofundar e melhorar os procedimentos de monitorização e melhoria da qualidade para que na próxima avaliação/acreditação do Sistema Interno de Garantia da Qualidade esta vertente consiga alcançar o nível de desenvolvimento muito avançado (nível máximo).

*Luís Raposo ,
Chefe da Divisão de Planeamento
e Garantia da Qualidade*



// UNIVERSIDADE E SOCIEDADE, OU A ETERNA E POLÍTICA DIALÉTICA DO AGIR E DO PENSAR



1| As universidades surgem, hoje, como uma enorme estrutura que, em primeiro lugar, já não aspira a um saber desinteressado (como pretendia ser a universidade de recorte humboldtiano), nem a massificar a qualificação de populações de sociedades de desenvolvimento intenso, que aspiram a um progresso que se autodefine como linear e infinito—como foi o caso das universidades das sociedades "welfaristas"—, mas, antes, constituem uma estrutura que tem vindo, por entre enormes contradições, a evoluir de instituição considerada bem absoluto, que os poderes públicos asseguravam em termos inquestionáveis, para instituição-organização que perdeu essa qualidade de bem absoluto.

2| Esta perda e descaracterização institucional da universidade em geral muito tem a ver com as dificuldades dos próprios Estados-nação em manter zonas como objetos de jurisdição efetiva e simbólica que se reportam à sua soberania (vejam-se os casos das esferas da justiça e da segurança, que continuam a man-

ter uma certa imunidade, mas com dificuldade).

3| Com efeito, as universidades perderam peso simbólico do imaginário-instituente das sociedades ocidentais pós-1945, que cedeu abertamente, a partir dos anos 80 do século passado, a imperativos de simplificação na gestão do sistema social no seu conjunto, num contexto de globalização desregulada, tudo confluindo na crise global de legitimidade dos sistemas políticos, de que a Universidade é um pilar fundamental.

Não é aqui ocasião para aprofundar o tema, mas caberá dizer que um dos pontos cruciais para a compreensão do atual contexto radica no facto de, neste momento, ser difícil ao sistema capitalista vigente manter o que sempre foi sua regra: depender de condições marginais de cultura que nunca pôde reproduzir, antes se alimentando de reservas de tradições (Habermas, 1978: 109). Com a agravante substantiva de a própria "ideologia da performance" ser esvaziada de poder simbólico, na medida em que a igualdade de oportunidades, que surgiu como sendo a "marca de água" do mercado enquanto instituição do sistema, nunca deixou de estar ligada a condições históricas "reais" onde a violência social abunda nos mecanismos de troca, logo, retirando ao mercado credibilidade enquanto sistema que faria justiça aos méritos individuais, porquanto se limitou (e se limita) a mercantilizar coisas e pessoas (nestas incluídas suas identidades e currículos).

4| Em segundo lugar, estilhaçada a "eticidade" (entendida em termos hegelianos, ou seja,

aquela esfera que trata da mediação social da liberdade humana na família, na sociedade, no Estado, por exemplo) que de algum modo tutelava o funcionamento da universidade-instituição, sobreveio aquilo a que Boaventura de Sousa Santos chama o conhecimento "pluriversitário" (Santos, 2011: 40), que vem contradizer ferozmente a clássica autonomia do docente e do seu *ethos*, abrindo segundo este Autor um núcleo de novos problemas e oportunidades, mas que para mim se traduz basicamente numa instrumentalização da agenda científica dos académicos. Embora o mesmo Autor acentue o lado transdisciplinar e contextual deste novo tipo de correlação entre o saber e o meio, não sou tão otimista quanto aos resultados "realmente existentes" do ângulo de análise do saber universitário clássico, decerto em boa medida unívoco.

5] O facto é que se é certo que o espaço universitário nunca soube inserir-se de forma clara na esfera pública clássica, o que passou a suceder foi a universidade ser engolida por um espaço global difuso, que não corresponde já a essa esfera pública clássica, mas é massificado e abertamente mercantilizado, produtivista, vocacionado para corresponder às pulsões simplificadoras da gestão do sistema social. Como disse há décadas Pierre Kende (1971), qualquer forma de racionalidade propende para a dimensão instrumental. Ora, a verdade é que o campo do social, que está "ordenado em função de um campo axiológico" (Kende), passou a colocar-se numa relação de tensão sempre que se pretendeu quantificar o relativo. Essa é a lógica implícita do produtivismo, como acentua Kende: transformar a posse em instância última de avaliação, como se fosse um imperativo "imaneente" para além de qualquer juízo. Poder-se-ia aqui meditar sobre a propensão moderna para fazer funcionar um sistema em termos automáticos e sem falhas, o que projeta a ansiedade moderna rumo ao domínio da realidade. Daí um dos grandes pensadores contemporâneos, o checo Karel Kosík (2003: 169 ss.), ter dito, e anotando uma reflexão nietzscheana, que, em bom rigor, a ciência deixou de ser entendida como o queria o pensamento renascentista -ser uma sabedoria-, tendo mesmo passado a viver-se, não já perante a vitória da ciência, mas, antes, perante a vitória do método, perante a ciência, num movimento que passou a ser simples movimento. Com a agravante, naturalmente, de não se apresentar um humano *zoon politikon*, nem um *zoon logon echon*, mas, tão-somente, um humano em movimento funcional dentro da jaula constituída pela "tríade simbiótica economia-tecnologia-ciência" que, como nota argutamente Kosík, é de algum modo a face visível de uma "alma escondida" que é o "sistema reinante de representações" que dispõe os homens e as coisas em determinados termos e que, ao contrário das promessas da Modernidade, reverteu a ideia de homem-sujeito em homem-objeto (Kosík: 185).



6| Para o que aqui importa, eu diria, pois, que a massificação global a que as universidades foram sujeitas implicou uma falsa interação entre estas e os sistemas sociais, na medida em que nunca foram introduzidos pressupostos dialógicos e racionais entre o saber universitário e o "saber-fazer" utilitário e imediato, que constituem a essência da dinâmica histórica das apetências das sociedades em termos de saber. Correlativa desta massificação perdeu-se a finalidade de "formação de pessoas", ainda que esta expressão continue a fazer parte da retórica política dominante. Esta finalidade foi perdida desde logo pelo facto de as próprias pessoas a formar não chegarem ao ensino universitário para serem premiadas pelo seu *ethos*, tornando-se mais pessoas na sua dimensão cultural-pessoal, antes exigindo do ensino universitário explicações simples para a complexidade, numa sistemática pulsão para se pensar dentro de um círculo hermenêutico pressuposto e não criticamente assumido.

É, porém, neste mundo contraditório que o trabalho deve ser pensado, já que é a nossa historicidade que marca a nossa humanização. Tudo isto implica empenho da universidade no sentido de deliberação que toma consciência da sua existência responsável num mundo historicamente institucionalizado e, assim, se assume como livre instituição. É nessa fidelidade à consciência de que a ação se desenrola de acordo com uma história que nunca acaba e, por isso, implica os humanos em ações conjuntas na sua pluralidade, que ganha sentido a formação de pessoas (Landsberg, 1952: 28).

Não se trata de um intelectualismo solipsista, ou obediente a formulações técnicas prévias, que em nada contribui para o progresso do conhecimento, mas de uma autêntica teoria personalista do conhecimento. Como disse Landsberg, "a falsa superioridade daqueles que se colocam de fora de tudo se tornou uma verdadeira peste no nosso mundo, e a tolerância mentirosa daqueles que se contentam com apenas explicar tudo, paralisa o espírito ocidental" (Landsberg, 35), que aqui eu substituiria por "espírito universitário". Só assim se pode orientar um verdadeiro espírito científico-cultural aspirando a ir além da facticidade, a fim de rumar a um genuíno pluralismo que confronte historicamente os diversos sentidos da realidade em presença. Não se veja nisto, pois, um relativismo simplista, antes um movimento reflexivo que deve começar na escola, e aqui na universidade, para uma verdadeira compreensão normativa dos pressupostos históricos que determinam a evolução da própria Humanidade.

7| É óbvio que, para que tal suceda, se pressupõe um sistema social convicto de que as decisões/deliberações nele tomadas se inserem na evolução ético-normativa da Humanidade, apesar de para isso não ser necessário renunciar a um humanismo plural, o que hoje é problemático, já que essa convicção foi até certo ponto sujeita a um rotura proveniente de um subjetivismo que não reconhece a existência daquilo a que Landsberg chama um "sentido trans-subjetivo dos valores" (Landsberg: 41). Este sentido só é compreensível, evidentemente, no âmbito de um mundo interpelante, logo, conflitual onde a pessoa se transcende através do reconhecimento de um "horizonte de universalidade" que se manifesta em cada experiência individual. Nestes termos, uma verdadeira educação universitária não deve preocupar-se com a

posse de valores aprendidos, mas, antes, deve assegurar o "poder de decidir justamente seguindo exemplos amados e compreendidos" (Landsberg, 45). O que exige uma sociedade dotada de uma constelação de valores que assegure essa tensão dialética entre o indivíduo e esse horizonte de universalidade mediante o reconhecimento da trans-subjetividade dos valores. Estas teses de Landsberg foram escritas em tempos -anos 30 do século passado- em que a mentira organizada estava a sufocar as sociedades e os indivíduos, mas, em boa verdade, existia nelas a crença numa receita secreta que, se assim se pode dizer, permitiria superar "a máquina dóxica" em que teria tombado o mundo. E essa receita consistiria, pura e simplesmente, na capacidade de efetivação de um autêntico compromisso/participação, que permitiria ver a trans-subjetividade dos valores e a iluminar com verdade as tensões que esta dialética implica. Este problema é antigo, como se vê, e coloca a questão do estatuto público da verdade. Mas que é, em rigor, o estatuto público da verdade quando hoje, graças às novas tecnologias, se pode "modelar" a verdade e deformá-la, criando uma ideia que se vulgarizou -a de que apenas existe uma aparente pós-verdade? Também aqui a universidade deve encontrar-se bem à frente do sistema social no qual se situa. Com efeito, a universidade é igualmente um reduto de onde deve ser excluída perversão da verdade quando transformada em opinião. Esta é, regra geral, uma perversão da verdade que impede a possibilidade de se aceder à verdade de facto. E isso acontece porque a esfera pública moderna, que implicaria na sua pureza uma explicitação de factos que todos poderiam debater e reter em verdade, foi, não apenas filtrada por hábitos e práticas históricas que excluíam a verdade, mas ainda foi desmantelada pelos poderes fácticos que sempre assumiram um papel preponderante no controlo do espaço público. Em teoria, seria na universidade que poderia manter-se um reduto do pensar e examinar os factos para, depois, deles retirar uma verdade pública crítica. Todavia, e como infelizmente hoje sabemos, o assalto do "ter" sobre o "ser" é na universidade em geral um facto, que faz dela mais uma arena do que um espaço de reflexão e deliberação críticas.



8| Cumpre, assim, à universidade, a fim de retomar suas verdadeiras finalidades, não só propor dar instrução em determinados domínios do conhecimento, mas também preocupar-se com a formação de pessoas, isto é, incorporar na sua atividade intelectual valores ético-comunicativos fundamentais no atual horizonte civilizacional. E isto é assim porque a própria narrativa política do regime democrático em que vivemos, sob a égide do Estado de Direito Democrático, pressupõe

como fundamental que se obtenha, na interação social, uma densificação dos valores e normas que servem de portos e pontes para o diálogo e o consenso em debate sobre a tradição dinâmica que as sociedades evoluídas exigem nos tempos de hoje. Por isso, contribuir para formar pessoas é mais que uma expressão eivada de simples boa-fé individual, que é sempre muito importante, mas que por si só não basta. É verdade que a "cultura do Estado de Direito", que implica uma cultura do sujeito com uma compreensão do tempo, do espaço, da autoridade, consistente, está ela mesma em crise, pois dificilmente é interiorizada como fazendo parte do comum em termos ético-políticos, embora faça parte do aparato procedimental vigente nos países desenvolvidos. Um tanto paradoxalmente, esta situação dificulta, quer um "ponto de vista interno", quer um "ponto de vista externo". E isso é assim porque a ideia segundo a qual os indivíduos (aqui entendidos como pessoas a formar dentro da cidadania) não são simples recipientes passivos de discursos que são debitados (ignorando que até as tradições implicam tensão e questionamento) se encontra manietada pela visão tecno-instrumental prevalecente. Já foi notado que o indivíduo hodierno parece dispensar a reflexão sobre as suas próprias tradições, na medida em que o imaginário ultraliberal o vê como alguém autónomo, abstrato, sem passado, impondo-se ao mundo. Na verdade, contudo, o que está a suceder é outra coisa: a "tecnologização da natureza e do mundo natural encontra-se sob o título da racionalização, desencantamento, desmitologização, eliminação de correspondências antropológicas precipitadas" (Gadamer, 1981: 43), o que conduz a um silêncio significativo do conhecimento técnico sobre a clássica pergunta da teoria política: qual a melhor forma de se viver em conjunto? Ora, mesmo admitindo a hipótese de Gadamer (citando Ortega y Gasset), segundo a qual a técnica sucumbirá por falta de fantasia (Gadamer, 1981: 51), aprofunda-se aquilo a que Martha Nussbaum (2013: 26) tem vindo a chamar a "crise silenciosa, a crise do conhecimento crítico-hermenêutico frente a um conhecimento técnico desprovido de razões de fundo. São as capacidades do conhecimento crítico-hermenêutico, que deveria ser típico das ciências sociais e humanas em geral (mas que tem sido oprimido pelo pensamento tecnocrata dominante), que conferem capacidade para uma reflexão crítica apta para ultrapassar localismos e defrontar os problemas globais em termos cosmopolíticos, ou seja, retratar empaticamente o outro que nos rodeia, com o qual interagimos, com o qual podemos ter a certeza de que o humano é naturalmente sociável, com o qual o mundo pode ser desvendado.

9| A universidade tem sido, apesar de todas as contradições que a habitam, o lugar onde a autoridade se impõe como princípio que exclui a violência, como bem recorda Arendt (2012: 743), onde a autoridade do professor e a sua competência não se equivalem, pois esta consiste em conhecer o mundo e transmitir esse conhecimento aos outros, e aquela funda-se no seu papel de responsável do mundo, no sentido de dever poder dizer aos que estudam: "eis o nosso mundo" (Arendt: 756). E este mundo que é mostrado é precisamente aquele que aqueles que estudam devem superar.

Que esta constatação corresponda a uma realidade quase nunca vivida, não retira à universidade esta função utópica. E não há convite mais subversivo do que convidar a realizar-se a utopia que não aspira a modelos fechados, mas propõe novos imaginários políticos (porque a todos diz respeito) instituintes e constituíntes.

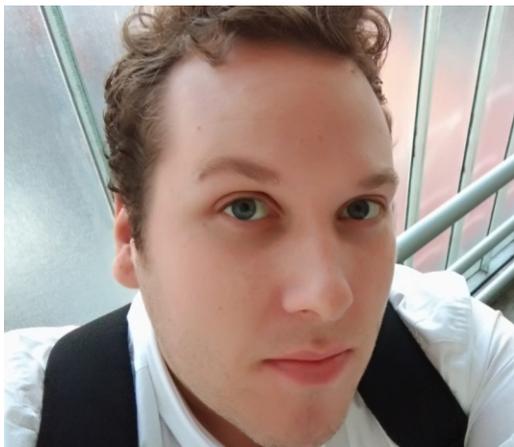
*Silvério Rocha-Cunha,
Professor Catedrático e Coordenador do Polo
do Centro de Investigação em Ciência Política*



Referências bibliográficas:

- Arendt, H. (2012), *La Crise de la Culture*, in Id., *L'Humaine Condition*, Paris, Quarto/Gallimard.
- Gadamer, H.-G. (1981), *La Razón en la Época de la Ciencia*, tr., Barcelona, Alfa.
- Habermas, J. (1978), *Raison et Légitimité. Problèmes de Légitimation dans le Capitalisme Avancé*, Paris, Payot.
- Kende, P. (1971), *L'Abondance est-elle possible?*, Paris, Gallimard.
- Kosik, K. (2003), *La Crise des Temps Modernes*, Paris, Ed. de la Passion.
- Landsberg, P.-L. (1952), *Problèmes du Personnalisme*, Paris, Ed. du Seuil.
- Nussbaum, M. (2013), *Non per Profitto. Perché le Democrazie hanno bisogno della cultura umanistica*, Bologna, Il Mulino.
- Santos, B. S. (2011), *A Universidade no século XXI: para uma reforma emancipatória da Universidade*, São Paulo, Cortez Ed.

// DEMOCRATIZAR A CIÊNCIA ATRAVÉS DA TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO - A INSUSTENTÁVEL DISCUSSÃO SOBRE A SUA PERTINÊNCIA



«Os recursos humanos e materiais são limitados, e serão sempre limitados». Apesar de ter consciência intrínseca disto, só há pouco tempo, quando ouvia um orador numa palestra sobre Inovação Transfronteiriça, é que me apercebi do peso destas palavras. Parece que existimos para uma luta infundável contra a escassez de várias ordens: de tempo, de dinheiro, de motivação ou de eternidade.

E esta falta de recursos estende-se, também, à Ciência. Neste domínio, os constantes desafios colocam a poderosa imaginação e inteligência do ser humano lado a lado com a falta de mais e melhores condições. E então temos a certeza de que a boa gestão deve fazer parte de qualquer equipa, laboratório ou centro de investigação.

Este princípio pragmático evidencia também a necessidade de nos debruçarmos sobre questões essenciais que se prendem com o avanço do conhecimento e a sua aplicabilidade.

Se há duas décadas nos debatíamos por mais e melhores esforços na Comunicação de Ciência, e que antecederam a criação de Gabinetes de Comunicação e o papel do Gestor de Ciência nas Universidades, hoje a discussão é fervorosa no domínio da Transferência de Conhecimento.

Um Conhecimento Científico de excelência tem sido uma das principais contribuições da Europa para o Mundo. Mas, e apesar destes méritos, a posição global da investigação europeia está atualmente a ser desafiada por um panorama da investigação em rápida mutação. Simultaneamente, a investigação europeia confronta-se com as implicações da globalização dos mercados e das indústrias, da digitalização e das novas tecnologias, bem como com a necessidade de abordar questões sociais como o envelhecimento da população ou as alterações climáticas.

Esta inovação e excelência têm um impacto enorme nas nossas vidas: através de medicamentos melhorados, recursos energéticos mais eficientes e sustentáveis e com novas soluções tecnológicas para garantir a segurança dos cidadãos. Transformar os resultados da investigação científica em novos produtos comerciais é urgente, mas é também um processo complexo que envolve uma ampla gama de *stakeholders*. Por isso mesmo, é preciso garantir que a Academia e a Indústria trabalhem juntos e maximizem os benefícios sociais e económicos de novas ideias.

As universidades fazem História com a contribuição para o avanço do Conhecimento e da

Tecnologia no contexto económico e social de um país, por meio do Ensino, da Investigação e de atividades de extensão para a sociedade, a que temos chamado de Terceira Missão.

Este Conhecimento pode levar à interação com outras entidades, incluindo governo e empresas, resultando numa Transferência de Conhecimento/Tecnologia da Universidade para o Mercado. Esta Transferência pode iniciar-se com a divulgação de uma invenção, seguida do seu registo de patente, licenciamento, uso comercial da tecnologia licenciada e, por fim, *royalties* recebidos pela Universidade. Mas a Transferência de Conhecimento vai muito para além disto, e as limitações dos modelos atuais de comercialização de invenções não podem ameaçar o papel inequívoco da Universidade na Transferência de Conhecimento.

A disseminação das suas teorias e práticas tem permitido alavancar resultados na aprendizagem de outras áreas. Estudos recentes indicam que a orientação do aluno com base na Transferência de Conhecimento traz impactos significativos na capacidade de compreensão, de aplicação de conceitos em contexto real, e de procura de oportunidades de empregabilidade, na ótica de empregado e empregador.

Por outro lado, a consolidação da rede científica, incluindo o reforço dos gabinetes de Transferência de Conhecimento, tem mitigado o *deficit* estrutural das empresas, incluindo o das empresas portuguesas. A participação da Universidade em projetos de resolução de problemas industriais tem garantido novas formas de financiamento da Ciência e a densificação das oportunidades de se poder criar impacto.

Porque os recursos serão sempre insuficientes, importa não perder tempo a discutir se a Terceira Missão faz ou não faz parte dos desígnios das Instituições de Ensino Superior. Antes apostar nas estratégias que melhoram a Transferência de Conhecimento, por forma a catapultar o Ensino e a Investigação, os pilares fundamentais para se poder construir sociedades mais justas.

Hernâni Zão Oliveira,
DIC2E

// TREZE UM PROJETO DE COOPERAÇÃO



É no início do mês de janeiro de 2020 que chega à minha secretária mais um trabalho na área do design gráfico. Como quase sempre, nesta área o trabalho tem que ser entregue o mais rápido possível, e como costumamos dizer, "é para ontem". Mas afinal qual era o trabalho solicitado? Nem mais nem menos que uma proposta de imagem para uma nova publicação: a TREZE.

Entre diversos trabalhos em mãos, a sentir o tempo correr muito depressa e a habitual pressão dos prazos a cumprir, à qual nunca me deixo sucumbir, foi crescendo a inspiração para fazer corresponder uma imagem a uma publicação dedicada à inovação, ao empreendedorismo, à empregabilidade e à cooperação, áreas da competência do então recém-criado GAITEC, foram vários os "rabiscos", algumas tentativas de cores, imagens texturadas, tipos de letra...enfim, as fases de qualquer processo de criação. Era preciso conceber a imagem certa para o nº1 da TREZE, apresentada pelo Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação da Universidade de Évora (GAITEC), e com este nome

escolhido (TREZE) tanto poderia ter sorte como azar na proposta que iria apresentar!

A proposta gráfica foi apresentada ao GAITEC apenas um dia após a solicitação... *Et voilà* foi aceite.

Começava assim uma parceria entre a Divisão de Comunicação e o GAITEC, em que todos os dias 13 de cada mês, seria publicada a TREZE. A primeira edição, de janeiro de 2020, foi a mais complicada, pelo *timing* e pelos "acertos" e "desacertos" que uma publicação deste género tem. Foi preciso decidir ao nível gráfico muitas questões que definiriam o formato que fosse apelativo e interessante aos olhos de quem a lê.

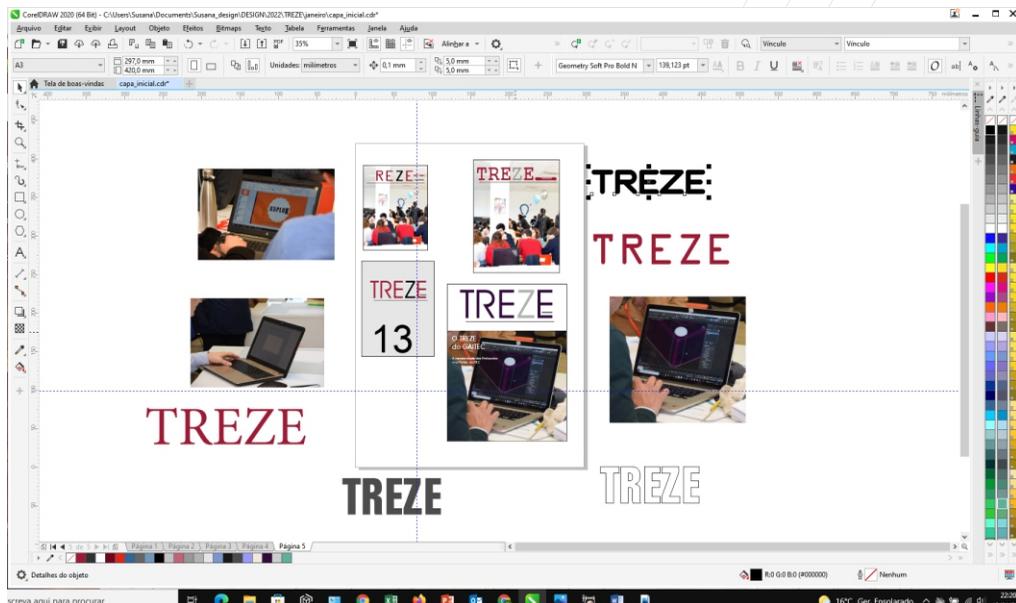
Agora falemos do processo de criação em concreto; depois de receber todos os textos do editor, neste caso o Pró-Reitor Professor Paulo Infante, foi necessário paginar, procurar fotos e harmonizar ao nível visual e gráfico toda a revista. Paginada e revista... e novamente revista, finalmente a TREZE saiu pela primeira vez a 13 de janeiro de 2020, uma segunda-feira. E partir desse mês, a nossa pareceria tem sido mantida. Mês após mês, e já lá vão dois anos, todos os dias 13 de cada mês, a TREZE é publicada no portal da UÉ e nas redes sociais.

Este projeto, que o Prof. Paulo Infante tão bem conhece, tem sido um desafio que se repete mensalmente, com imprevistos e alguns sobressaltos, mas sem nunca deixarmos que o trabalho final fique aquém das expectativas dos leitores e de todos os que colaboram com esta revista.

Em resultado deste trabalho de equipa, podemos hoje orgulhar-nos da visibilidade que a TREZE atingiu beneficiando a Universidade de Évora e mostrando também à sociedade e empresas que muito conhecimento e ciência se produz por aqui.

Parabéns pelo segundo aniversário da TREZE, sem dúvida uma data para celebrar em grande!

Susana Oliveira,
Divisão de Comunicação



TREZE



Treze meses após a sua criação o GAITEC lança o TREZE, uma publicação mensal, dirigida à comunidade académica e ao tecido empresarial da região, com enfoque em temáticas relacionadas com transferência de conhecimento, propriedade intelectual, projetos transversais, cooperação, start-ups e spin-offs, estágios e empregabilidade.

A partir de hoje, todos os dias 13, saiba tudo sobre o que a UÉ faz acontecer na área da Transferência de Conhecimento.

[Leia a 1ª edição aqui.](#)

REGISTE-SE UÉVORA PARA A VIDA!

Conheça as vantagens:

- ✓ Papel importante e ativo na vida académica
- ✓ Formação e capacitação no âmbito do empreendedorismo e inovação
- ✓ Participação em programas de capacitação no âmbito do empreendedorismo enquanto mentor/formador
- ✓ Possibilidade de obtenção da chancela Spin-off UÉvora
- ✓ Apoio na mediação de propriedade industrial
- ✓ Acesso a divulgação de oportunidades de financiamento nacionais e internacionais
- ✓ Participação nos programas de capacitação e aquisição de competências: workshops de Soft Skills, Aconselhamento e Gestão de Carreiras, Mercado de Trabalho.
- ✓ Participação nas sessões de recrutamento
- ✓ Acesso ao Portal do Emprego da Universidade de Évora
- ✓ Entrada gratuita no Colégio Espírito Santo
- ✓ Possibilidade de 13% de desconto: a) no restaurante Cozinha do Cardeal; b) Todos os artigos da Loja Molina; c) Inscrição dos filhos na Summer School
- ✓ Acesso às bibliotecas e requisição de livros
- ✓ Aluguer de espaços (salas, auditórios, espaços exteriores, instalações desportivas) nos edifícios da universidade a preços mais competitivos
- ✓ Utilização dos canais institucionais para divulgação e promoção de projetos profissionais e de voluntariado desenvolvidos por alumni
- ✓ Acesso direto a publicações periódicas da Vice-Reitoria para o Empreendedorismo, Inovação e Cooperação (ex: Revista TREZE)
- ✓ Conjunto de descontos e vantagens em comércio e serviços externos à Universidade de Évora (a disponibilizar brevemente)



#alumniuevora



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



alumni.
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DIC2E

// UMA VISÃO PARA O FUTURO

Vice Reitoria para a Inovação,
Cooperação e Empreendedorismo

// Áreas de atuação

A DIC2E - Divisão de Inovação, Cooperação, Empreendedorismo e Empregabilidade da Universidade de Évora tem por missão ser o ponto de ligação da Universidade de Évora à sociedade. É responsável pela dinamização e regularização das relações com o tecido empresarial, pela promoção do empreendedorismo, da inovação e da empregabilidade.

➤ **Promove a Transferência do Conhecimento** através de atividades de I&D Aplicada e da construção de uma plataforma de conhecimento.

➤ **Promove a cooperação** a nível nacional/ internacional.

➤ **Trata dos processos de candidaturas a estágios**, apoia os estudantes e Diretores de Curso nos procedimentos e faz a divulgação de diversos tipos de estágios.

➤ **Dá apoio ao primeiro emprego** através da realização de workshops de aquisição de competências, organiza sessões de recrutamento, gere a plataforma de emprego e realiza estudos de empregabilidade envolvendo os diplomados.



➤ **Implementa estratégias** que procuram apoiar e promover **startups e spin-offs**.

Dá apoio técnico aos pedidos de patentes, procura a visibilidade e valorização das patentes existentes e organiza seminários e ações de formação sobre a temática.

➤ **Candidata projetos transversais e estruturantes** que procuram a transferência de conhecimento para o tecido empresarial e estejam relacionados com a inovação e o empreendedorismo.

➤ **Realiza atividades integradoras dos Alumni**, conferindo robustez ao edifício académico na sua tripla dimensão: Educação, Investigação e Inovação.

➤ **Compreende a Unidade de Gestão dos Laboratórios** da Universidade de Évora (UELab).

// Em que pode a DIC2E ajudar-me?

Se é investigador ou docente da Universidade de Évora, a DIC2E pode ajudar quando:

- Tem alguma invenção;
- Quer proteger ou valorizar a sua propriedade intelectual;
- Quer esclarecer dúvidas sobre patentes;
- Quer participar num programa de inovação;
- Pretende avaliar se é possível ver negócio onde apenas vê ciência;
- Quer criar uma empresa com base em tecnologia desenvolvida na Universidade;
- Conhece uma empresa que ofereça desafios aos investigadores da Universidade de Évora ou interessada em receber conhecimento produzido na Universidade.



Se está fora da Universidade de Évora, a DIC2E pode ajudar quando:

- Precisa de estabelecer uma relação de parceria entre uma entidade e a UÉvora;
- Tem uma empresa e pretende recrutar colaboradores ou estagiários;
- Tem uma empresa e quer recrutar estudantes da Universidade de Évora;
- Pretende fazer uma ligação com os investigadores e tomar conhecimento das inovações feitas.



Se és estudante da Universidade de Évora, a DIC2E pode ajudar quando:

- Tens dúvidas sobre processos de recrutamento ou preparação da carreira profissional;
- Queres desenvolver as tuas *soft skills*;
- Pretendes realizar um estágio extra-curricular ou de verão;
- Queres candidatar-te a uma bolsa de estágio profissional;
- Queres encontrar o teu 1º emprego.



// DIC2E numa Universidade dinâmica

- Concursos de ideias inovadoras;
- Seminários sobre propriedade intelectual e empreendedorismo;
- Seminários temáticos direccionados para as empresas;
- Sessões de preparação para os processos de recrutamento e entrevistas de trabalho;
- Divulgação de ofertas de bolsas e sessões de esclarecimento sobre como procurar e realizar uma candidatura a estágios;
- Organização de bootcamps temáticos;
- Organização da Semana do Empreendedorismo e da Feira da Empregabilidade;
- Workshops de Soft-Skill e Aconselhamento de carreira.



DIC2E

CASA CORDOVL



Lounge



Museu



Labs



Start



Eventos

TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

PROPRIEDADE INTELECTUAL

CURADORIA DE INOVAÇÃO

Nº 01

JANEIRO
2020



- // Coragem: Vamos sair da zona de conforto! – Ana Costa Freitas, Reitora da UÉvora;
- // A Universidade em movimento – Soumodip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora;
- // O Treze do GAITEC – Paulo Infante, Pró-Reitor da Universidade de Évora;
- // Mudança de mentalidades – Valentina Castro, Coordenadora do GAITEC;
- // A Necessidade dos protocolos – Ana Prates, GAITEC;
- // Os Estágios numa universidade preocupada com a empregabilidade dos seus estudantes – Andrea Martins, GAITEC;
- // A Universidade de Évora na Rede EIT Health – Carlos Godinho, GAITEC;

Nº 02

FEVEREIRO
2020



- // Inovação e desenvolvimento – Cesaltina Frade, Administradora da UÉvora;
- // Interface para a Inovação – Soumodip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora;
- // Em torno de 3 vetores do conhecimento: criar, transferir e co-criar – António Candeias, Vice-Reitor da UÉvora;
- // MARE nos desafios da investigação, inovação e transferência – Mélanie Costa e Helena Adão, MARE;
- // Inovação aplicada em inteligência artificial na UE? Sim, Claro! – Paulo Quaresma, Departamento de Informática;
- // UÉLAB, a nova unidade de gestão dos laboratórios da UE – Ana Saúde, Graça Machado e Carlos Godinho, GAITEC;
- // Uma outra perspetiva da I&D Aplicada na UE – Custódia Caramelo, GAITEC;
- // A Intenção Empreendedora e o processo empreendedor – Rui Fragoso, Diretor do CEFAGE;

Nº 03

MARÇO
2020



- // O objetivo da empregabilidade no processo de ensino/aprendizagem – Cesaltina Pires, Vice-Reitora da UÉvora;
- // O renovado observatório do emprego da UE – Soumodip Sarkar e Paulo Infante, Vice-Reitor e Pró-Reitor da UÉvora;
- // Ensino Superior e Empregabilidade – Carlos Vieira, Pró-Reitor da UÉvora;
- // A tecnologia move o mundo e o futuro é responsabilidade de todos – Fernanda Barreiros, Presidente da Associação Académica da UE;
- // Como aumentar a empregabilidade dos jovens? – Carla Rebelo, Dir. Geral da Adecco Group Portugal;
- // Inovação Social: Um novo mercado de trabalho com impacto positivo – Henrique Sim-sim, Coordenador da área social e desenvolvimento da FEA;
- // Alumni Empreendedor – António Cuco, CEO Sharish Gin;
- // Empregabilidade: Um ecossistema indissociável entre estudantes e alumni – Luís Parda, GAITEC;
- // A Universidade como motor para a criação do próprio emprego – Hermâni Zão Oliveira, GAITEC;

- // Porquê? Vale a pena pensar nisto! – Ana Costa Freitas, Reitora da UÉvora;
- // O impacto ambiental da pandemia COVID-19, a transferência de conhecimento e o mundo pós COVID-19 – Miguel B. Araújo, MED;
- // A transferência do conhecimento na saúde é possível e desejável na UÉ – Felismina Mendes, Diretora da ESESJD;
- // Saúde e bem-estar: necessidades (quase) infinitas – José Ventura, Diretor do Hospital Veterinário;
- // A IA@UÉ como potenciador de inovação na área da saúde – Paulo Quaresma, Departamento de Informática;
- // A UÉ e os novos desafios em saúde – Manuel Lopes, CHRC;
- // Intervenção Psicológica: Da investigação ao serviço à comunidade – Constança Biscaila, Diretora do SEC-PSI;
- // Psicologia e transferência do conhecimento na área da saúde e do bem-estar – Madalena Melo, Diretora do Departamento de Psicologia;
- // O que a saliva diz acerca da alimentação e bem-estar, na saúde e na doença – Elsa Lamy, MED;
- // Medicina comparativa e translacional: aplicação prática do conceito uma só saúde – Joana da Costa Reis, Departamento de Medicina Veterinária;
- // Novos olhares plurais nas ciências e tecnologias da saúde – Carlos Alberto da Silva, CICS.NOVA;
- // Importância do exercício físico/atividade física para a qualidade de vida da população: a contribuição da UÉ na comunidade – Armando Raimundo, CHRC;
- // A UÉ e a comunidade: O contributo da psicomotricidade ao serviço da saúde – Gabriela Almeida, CHRC;
- // A ciência ao serviço da saúde: na senda da prevenção da alergia respiratória... – Célia M. Antunes e Ana R. Costa, ICT;
- // A resposta da rede EIT Health ao COVID-19 – Carlos Godinho, GAITEC;



ABRIL
2020

Nº 04

- // O caminho para a nova normalidade – Ausenda Cáceres Balbino, Vice-Reitora da UÉvora;
- // CIMAC: capacidade de mobilização de todos os municípios na gestão da crise – José Calixto, Presidente da CIMAC;
- // Artes e Transferência de conhecimento em tempos de crise – Ana Telles, Diretora da Escola de Artes;
- // COVID-19 uma oportunidade para o marketing das causas – Marta Silvério, Pró-Reitora da UÉvora;
- // A sobrevivência do ensino superior está na globalização entre gerações – Manuel Marchante, Provedor do Estudante;
- // Retoma turística. Para quando? – António Ceia da Silva, Presidente do Turismo Alentejo;
- // A contribuição da investigação em agricultura, ambiente e desenvolvimento – Teresa Pinto Correia, Diretora do MED;
- // A contabilidade na gestão antes, durante e depois da pandemia: A investigação, o ensino e a profissão – Ana Fialho, CEFAGE;
- // O realinhamento da realidade internacional: Ligar a sociedade civil ao conhecimento – Marco António Baptista Martins, Diretor do curso de Relações Internacionais;
- // Contribuição da inteligência artificial para reestruturar as cadeias globais de valor – José Caetano, Diretor de Mestrado de Relações Internacionais e Estudos Europeus;
- // Voluntariado jovem: um marco cada vez mais decisivo – Miguel Rasquinho, Diretor Regional do IPDJ;
- // COVID-19: O papel da tecnologia na resposta da UÉ na comunidade – Joaquim Godinho, Diretor dos Serviços de Informática;
- // O quê? Vamos para teletrabalho? – Valentina Castro, Coordenadora do GAITEC;
- // Comunicar num mundo virado do avesso – Andreia Rosa, Chefe da Divisão de Comunicação;



MAIO
2020

Nº 05

Nº 06

JUNHO
2020



- // Da Propriedade intelectual à criação de Spin-offs: uma jornada iniciada – *Soumidip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora;*
- // Enraizar uma cultura de propriedade intelectual em Portugal – *Ana Bandeira, Presidente do Conselho Diretivo do INPI;*
- // Plágio, fraude, integridade e responsabilidade científica – *Rosalina Pisco Costa, Pró-Reitora da UÉvora;*
- // Nautilus Tent – *Inês Secca Ruivo, CHAIA;*
- // Conseguiremos prever o sabor dos alimentos sem ter que os provar? – *Elsa Lamy, MED;*
- // A investigação e desenvolvimento: Propriedade intelectual e transferência da tecnologia – *Ana Teresa Caldeira, Hercules;*
- // Patentear ou não patentear: eis a questão – *A. J. Burke, LAVQ-REQUIMTE;*
- // Dispositivo para medição da taxa de sudção em ruminantes – *Alfredo Pereira, MED;*
- // As patentes como proteção da inovação tecnológica – *Lúcia Gata, Megaingenium;*
- // O GAITEC e o papel na propriedade industrial da UE – *Filipe Loureiro, GAITEC;*

Nº 07

JULHO
2020



- // Empreender Sempre! – *Paula Paulino Marquez, Diretora Executiva do NERE;*
- // Universidade e empresas: uma relação de interdependência – *José M. Belbute, Diretor da ECS;*
- // Universidade e empresas, um abraço franco e duradouro – *Miguel Elias, Pró-Reitor da UÉvora;*
- // Empregabilidade: o futuro dos estudantes não pode ficar comprometido – *Henrique Gil, Vice-presidente da AAUE;*
- // Estágios virtuais: solução de futuro ou emergencial? – *Carla Rebelo, Diretora Geral da Adecco Group Portugal;*
- // A importância da ligação das empresas à universidade – *Rita Bravo, Diretora da F&B e Membro da Administração do Vitória Stone Hotel;*
- // A empregabilidade começa na universidade – *Cristina Dias Neves, Diretora de Mecenato - Santander Universidades;*
- // Universidade, empresas e empregabilidade: o caso da Decsis – *Artur Romão, Diretor de inovação e desenvolvimento da Decsis;*
- // A TE Connectivity vem até ti – *Inês Maltez, Talent Acquisition Specialist;*
- // Os benefícios da parceria empresas/universidades – *Patrícia Tomé, HR Manager Portugal & UK - KEMET;*
- // Os mesmos olhos no futuro! – *Valentina Castro, Coordenadora do GAITEC;*

Nº 08

AGOSTO
2020



- // Finalistas COVID, que futuro nos espera? – *Miguel Lopes, Presidente da Assembleia Magna AAUE;*
- // Mascaramos e com a pele cheia de insaciável fome – *António Ricardo Mira, Departamento de Pedagogia e Educação;*
- // Os amantes – *Carlos Vieira, Pró-Reitor da UÉvora;*
- // Falemos de pontes – *Andreia Dianísio, CEFAGE;*
- // Empreender: A resposta sempre válida – *Josão Assunção, gestor do PACT;*
- // Mobilidade out...e agora? "Reflexões de estudantes" – *Suzete Rico, Coordenadora do GAE;*
- // A era da "vídeoconferencialização" – *Paulo Ramos, Chefe da Divisão de Apoio Técnico-Administrativo da ECT;*
- // Aprendiz de empreendedor procura paraíso – *Hernâni Zão Oliveira, GAITEC;*

- // Transferência Tecnológica – Roberto Grilo, *Presidente da CCDR-A*;
- // UÉ constrói caminho... Plataforma de transferência de conhecimento – Soumodip Sarkar, *Vice-Reitor da UÉvora*;
- // Implementação da plataforma de transferência de conhecimento da UÉ – Paulo Infante e Manuel Pereira, *Pró-Reitor da UÉvora e Bolseiro no GAITEC*;
- // Uma IDEIA a crescer em Évora – Inês Secca Ruivo, *Departamento de Artes Visuais e Design*;
- // Transferência de conhecimento: uma nova relação da universidade com a sociedade – Rui Fragoço, *Diretor do CEFAGE*;
- // Transferência de conhecimento científico: em exemplo – Rui Charneca, *MED*;
- // O processo de transferência de conhecimento em saúde – Manuel Lopes, *CHRC*;
- // Era uma vez a transferência de conhecimento... - Carlos Godinho, *GAITEC*;



SETEMBRO
2020

Nº 09

- // Uma primeira ponte com o mundo real – Paulo Infante, *Pró-Reitor da UÉvora*;
- // Os estágios e a UÉvora – Mourad Bezzeghoud, *Diretor da ECT*;
- // Etapa crucial no nosso processo de desenvolvimento e aprendizagem – Fernanda Barreiros, *Presidente da AAUE*;
- // Estágios em ano de COVID – Rita Payan Carreira, *Diretora de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária*;
- // Estágios de verão, para que servem? – Juana Manrique Jeannine, *Vetévora- Centro Veterinária*;
- // A formação superior em turismo na UÉ. Uma experiência de aprendizagem em contexto profissional – Jaime Serra, *Diretor de curso de licenciatura em Turismo*;
- // Fundação Eugénio de Almeida de portas abertas para a comunidade académica – Henrique Sim-sim, *Coordenador da Área Social e desenvolvimento da FEA*;
- // Os ensinamentos clínicos na formação em Enfermagem – Maria de Fátima Marques, *Diretora do curso de licenciatura em Enfermagem*;
- // Estágios de enfermagem: parcelos no cuidar – Luís Gens, *Diretor de Enfermagem da Casa de Saúde do Telhal, Instituto S. João de Deus*;
- // Práticas de ensino superior na UÉ: formação inicial de educadores e professores e investigação – Conceição Leal da Costa, José Luís Ramos, Maria Assunção Folque e Mário Marques, *PES 1ºCEB, Educação Pré-Escolar e Ensino de Música*;
- // O estágio no mestrado de Psicologia – Constância Biscaia, *Diretora do Mestrado em Psicologia*;
- // “Meter as mãos na massa”: estagiar na APPACDM de Évora – Rosa Moreira, *Presidente da APPACDM-Évora*;
- // Estágios extracurriculares: uma forma de promoção da interação entre dois mundos – Teresa Gonçalves, *Diretora de curso de licenciatura em Engenharia Informática*;
- // Perguntas Frequentes (“FAQ’S”) sobre estágios – Andrea Martins, *GAITEC*;



OCTUBRO
2020

Nº 10

- // A Cooperação na UÉ – Soumodip Sarkar, *Vice-Reitor da UÉvora*;
- // Cooperação: uma palavra chave para a investigação n(d)o séc. XXI – António Candeias, *Vice-Reitor da UÉvora*;
- // Protocolar – Carlos A. Braumann, *Professor Emérito da UÉvora*;
- // Cooperar(r)ção: desafios e práticas – Herminia Vasconcelos Vilar, *Diretora do CIDEHUS*;
- // A moda dos protocolos chapéu-de-chuva e a cooperação institucional – Luís Sebastião, *Diretor do CIEP*;
- // Protocolos ensino e I&D Aplicada, mútua contaminação – Maria do Céu M. P. Marques, *CHRC*;
- // Integrar e monitorizar a cooperação – Luís Pardal, *GAITEC*;
- // Perguntas Frequentes (“FAQ’S”) sobre estabelecimento de protocolos – Ana Prates, *GAITEC*;



NOVEMBRO
2020

Nº 11

Nº 12

DEZEMBRO
2020



- // A criação de Start-ups e Spin-offs: Um motor crucial para a transferência de conhecimento – *Soumodip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora*;
- // Da invenção à inovação – *Inês Secca Ruivo, CHAIA*;
- // Neural Solar – *Mouhaydine Tiemçani, ICT*;
- // Conhecimento a favor do quê? – *Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico, CIEP*;
- // DespertaFolia Lda.: uma spin-off da UE? – *Augusto Peixe, MED*;
- // Apoio a novos empresários na produção através de uma incubadora agrícola – *Teresa Pinto Correia, Diretora do MED*;
- // Dos partos difíceis à criação de Spin-offs unicórnio: a importância de uma estratégia para as universidades – *Carlos Godinho e Hernâni Zão Oliveira, GAITEC*;

Nº 13

JANEIRO
2021



- // O Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação (GAITEC) – *Ana Costa Freitas, Reitora da UÉvora*;
- // O ano de 2020: desafios em tempo de contingências – *Valentina Castro, Coordenadora do GAITEC*;
- // GAITEC em números: a construção de uma estratégia - *Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação, GAITEC*;
- // Nota Editorial final – *Soumodip Sarkar e Paulo Infante, Vice-Reitor e Pró-Reitor da UÉvora*;

Nº 14

FEVEREIRO
2021



- // Da anatomia da cebola à estratégia da Universidade de Évora: a necessidade de uma relação primordial com os Alumni – *Soumodip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora*;
- // Atuais alunos e alumni, qualidade e reputação – *Cesaltina Pires, Vice-Reitora da UÉvora*;
- // Two Impulse, uma start-up virada para o mundo, feita de talento local – *Paulo Nunes, Fundador e CEO da TWO-Impulse*;
- // Grande plano cósmico – *Carla Rebelo, Diretora geral da Adecco Group Portugal*;
- // A UÉvora na minha vida – *Ana Margarida Ferro, Science Outreach Director, New York University Abu Dhabi*;
- // Uma universidade é muito mais do que um diploma – *Rui Grilo, Diretor para a Educação Microsoft - Europa*;
- // Pelo mundo e com Évora no coração – *Carlos Godinho e Hernâni Zão Oliveira, GAITEC*;
- // Quem são os alumni da UÉvora? – *Luís Pardal, Manuel Pereira e Ana Rita Silva, GAITEC*;

- // Alentejo: Transferência e valorização de conhecimento – *António Ceia da Silva, Presidente da CCDR-A;*
- // A importância de estabelecer “pontes” – *Rui Miguel Nabeiro, CEO da Delta Cafés;*
- // Da criação de conhecimento à inovação: as universidades como espaço colaborativo – *Joana Resende, Pró-Reitora da Universidade do Porto;*
- // Sem conhecimento científico não há empresas de futuro – *Francisco da Costa, Diretor Geral da ADRAL;*
- // Os hábitos fazem as instituições inovadoras – *João Barros, CEO e fundador da Veniam;*
- // O caminho para a criação de valor económico e social a partir do conhecimento na universidade – *Isabel Rocha, Pró-Reitora da Universidade Nova de Lisboa;*
- // Sem conhecimento não há evolução! – *Paula Paulino Marquez, Diretora do NERE;*
- // A essência da valorização do conhecimento e tecnologias – *Filipe Soutinho, Diretor Geral da Tecminho;*
- // Ecossistema de transferência de empreendedorismo na Universidade do Algarve – *João Rodrigues, Pró-Reitor da UALG;*
- // Empreendedorismo qualificado – *Carlos Catarina, Diretor Executivo da ANJE;*
- // Pré-Incubação na universidade – *José Pinto Paixão, Professor Catedrático Jubilado da FCUL;*
- // Caro INTERIOR, juntos, VALORIZAmos mais... – *Luis Loures, Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Portalegre;*



MARÇO
2021

Nº 15

- // O futuro, a ciência e o desenvolvimento social e económico – *Manuel Heitor, Ministro da Ciência, tecnologia e Ensino Superior;*
- // Conceber novas atividades ou aguardar pela empregabilidade? – *João Guerreiro, Presidente da A3ES;*
- // Sejam felizes – *José Miguel Leonardo, CEO da Randstad Portugal;*
- // A empregabilidade dos nossos estudantes e a sua fixação na região – *André Cruz, Vice-Presidente da AAUE;*
- // Emprego: pedra basilar para o desenvolvimento de Évora. Sim, mas não só. – *Sara Fernandes, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Évora;*
- // Agronomia um curso com elevada empregabilidade num setor cada vez mais competitivo – *Maria do Rosário Félix, Diretora de curso da licenciatura em Agronomia;*
- // A Embraer e a UEvora – *Francisco Gomes Neto, CEO da Embraer;*
- // Estudar... o quê e para quê? – *Matilde Soares, Estudante do 12ºano da Escola Secundária Gabriel Pereira;*
- // Empregabilidade: um desafio a vencer todos os dias – *Rui Marques, Consórcio Maior Empregabilidade e CEO da Fórum Estudante;*
- // Outros futuros possíveis para a formação e a investigação em artes e património – *Paulo Simões Rodrigues, Diretor do CHAIA;*
- // O futuro do trabalho em Portugal: o imperativo da requalificação – *Armindo Monteiro, Vice-Presidente da CIP e Presidente da COMPTA;*
- // Juventude: o futuro no presente – *Hugo Lopes Silva, Diretor de Comunicação das revistas Mais Educativa e Mais Superior;*
- // 2º Ciclo em Gestão e Valorização do património histórico e cultural: 15 anos de um percurso reconhecido e identitário – *Antónia Conde, Diretora do Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural;*
- // Uma receita contra o desperdício – *João Pedro Videira, Presidente do Conselho Nacional de Juventude;*



ABRIL
2021

Nº 16

Nº 17

MAIO
2021



- // Editorial – Comendador Rui Nabeiro, Presidente do Conselho de Administração da Delta Cafés;
- // Empreender na formação de jovens líderes – Luís Simões da Silva, Vice-Reitor da UCoimbra;
- // A European Innovation Academy está de volta em formato online – Susana Fonseca, Coordenadora da EIA Portugal;
- // European Innovation Academy, uma oportunidade única para empreendedores no Digital! – Cristina Dias Esteves, Diretora de Mecenato Santander Universidades;
- // Empreendedorismo em Medicina personalizada em Portugal: da academia para o mercado – Joana Paiva, CTO e Co-founder da iLoF;
- // O Empreendedorismo veio para ficar – Fábio A. Fiúza Rosa, Co-Founder da Asgard Therapeutics e da BRT Blood Reprogramming Technologies;
- // Empreendedorismo num contexto Pós-COVID – Eduardo Barroso, Diretor da Fintech House;
- // As universidades e o empreendedorismo – Helena Maio, Advisory to the Board of Directors & Director of Micro VC Investment Unit, Portugal Ventures;
- // Inovação (Empreendedorismo), o caminho para o sucesso – João Assunção, Gestor do PACT;
- // A Pandemia e o empreendedorismo no Alentejo – Daniel Janeiro, Gestor da ÉvoraTech e Coordenador do Departamento de Promoção Externa da ADRAL;
- // Serei Empreendedor? – Carlos Godinho, GAITEC;

Nº 18

JUNHO
2021



- // Value Chain ou Pipeline? A missão inadiável da universidade para gerar valor – Soumodip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora;
- // Inovação: a chave (de ouro) para o futuro – Ana Abrunhosa, Ministra da Coesão Territorial;
- // Empreendedorismo: A pertinência de ser integrante da formação académica universitária – Afonso Fernandes, Aluno da Licenciatura em Relações Internacionais;
- // Juntos somos mais fortes! – Carlos Godinho, GAITEC;
- // Ao Bootcamp de empreendedorismo e inovação da UE: o primeiro de muitos! – Hernâni Zão Oliveira, GAITEC;
- // Proteger o conhecimento é uma forma de o valorizar! – Filipe Soutinho, Diretor da TecMinho;
- // Os desafios da internacionalização das nossas startups – Nasser Sattar, Head of Advisor da KPMG Portugal;
- // Sensepredict: testar o sabor fora da boca – Elsa Lamy, MED;

Nº 19

JULHO
2021



- // A importância do apoio à Transferência e Valorização do conhecimento nas IES – Valentina Castro, Coordenadora da DICZE;
- // Perfil de inovação das empresas como chamamento para parcerias com instituições de ciência, tecnologia e de ensino superior em Portugal – André Fernandes e Sara Fidalgo, Diretor da U.Porto Inovação e Gestora de Comunicação da U.Porto Inovação;
- // Gabinete de inovação e desenvolvimento – Pedro Serrão, Gabinete de Inovação e Desenvolvimento Universidade da Beira Interior;
- // UACOOPERA: o conhecimento da Universidade de Aveiro ao serviço da sociedade – Marta Marques, Coordenadora UACOOPERA, Universidade de Aveiro;
- // Gabinetes de transferência de tecnologias: a importância desconhecida – Nuno Mendonça, Coordenador, UC Business, Universidade de Coimbra;
- // A terceira missão não deve ficar para o segundo plano – Helder Lopes, Coordenador, NOVA Impact Office Universidade Nova de Lisboa;
- // Uma visão integrada e abrangente da transferência de tecnologia – Carla Patrocínio, Coordenadora, ITTécnico Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa;
- // Ecosistema Algarve: as dinâmicas de uma região periférica, mas global – Hugo Barros, Chefe de Divisão, CRIA - Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia, Ualg;

// Conversa com as minhas tias – *Dinis Pestana, CEAUL e Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral;*

// O humor que se transfere = Um projeto transversal x Um sorriso oblíquo + Uma chave de sol – *Sandra Leandra, Directora do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo e Dep. de Artes Visuais e Design;*

// Mimese automática – *Vitor Beires Nogueira, Departamento de Informática;*

// Uma noite de breu – *Guilhermina Siquenique, Chefe da Divisão de Manutenção de Instalações e Equipamentos, Serviços Técnicos;*

// O saber (não) ocupa lugar – *Anabela Elias, Responsável pelo Gabinete de Apoio à Investigação, Serviços de Ciência e Cooperação;*

// UÉvora ten years challenge – *Duarte Godinho, Alumnus UÉvora;*

// A importância da transferência de conhecimento – *Ana Ventinhas, Vice-Presidente da AAUE;*

// Gil Eanes à descoberta do conhecimento em Évora?! – *Cristina Louro, Divisão de Gestão de Projetos;*

// Sonhar encontros e reencontros – *Isabel Bezelga, Directora do Mestrado em Teatro;*

// Mobilidade académica num contexto empreendedor – *Domingos Almeida Romão, Gabinete de Apoio à Mobilidade, Serviços Académicos;*

// O sonho que se escolhe – *Luís Quintano, Chefe de Divisão de Sistemas e Aplicações, Serviços de Informática;*

AGOSTO
2021

Nº 20

// UÉvora for life: A força de se implementar uma estratégia de proximidade com os Alumni – *Soumadip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora;*

// A UÉ tem muito mundo – *Miguel Braz, Consultor Internacional (alumnus de Relações Internacionais);*

// Da filarmónica à universidade – *Jéssica Pina, Artista de Música (alumna de Música);*

// A simbiose do conhecimento académico e profissional – *Alexandra Fernandes, Directora dos Serviços Académicos da Universidade de Évora (alumna de Economia);*

// Honesto estudo con larga experiencia mesclado – *Luís Leal, Professor, escritor e divulgador cultural (alumnus de Ensino Português Inglês);*

// Alumni, qualidade e preconceitos – *Feliz Minhós, Diretor do CIMA e do Curso de Doutoramento em Matemática;*

// Momentos felizes – *Mário Moita, Fundador do Grupo Académico 6Tetos, CEO Vera Cruz Produções (alumnus de Eng. Zootécnica);*

// Paixão pelas operações – *Nuno Dias, Chief Operational Officer na Jerónimo Martins (alumnus de Gestão de Empresas);*

// Alumni: usar o passado para escrever o futuro, perspectiva internacional – *João Fialho, Senior Lectures na British University Vietnam e CEO da Datauris (alumnus de Matemática);*

// Em viagem com a revista TREZE do GAITEC – *Noémi Marujo, Directora do Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos (alumna de Sociologia e Turismo);*

// E depois do adeus? – *Ana Rita Silva, DIC2E (alumna de Artes Plásticas e Multimédia);*

SETEMBRO
2021

Nº 21

// A UÉLAB? – *Ana Costa Freitas, Reitora da UÉvora;*

// UÉLAB: motivações, benefícios e desafios da implementação de uma nova estrutura de gestão de laboratórios universitários – *Gracia Machado, Ana Cláudia Saúde e Carlos Godinho, Grupo de Trabalho da UÉLAB;*

// E agora? Os próximos passos na implementação da UÉLAB – *Paulo Infante e Carlos Godinho, Pró-Reitor da UÉvora e DIC2E;*

// UÉLAB: gerir para otimizar – *João Rabaça, Diretor do Departamento de Biologia;*

// Unidade de gestão de laboratórios: UÉLAB, o laboratório de ensaios mecânicos (LEM) – *Vera Pires, Laboratório Hercules;*

// A acreditação de laboratórios em estabelecimentos de ensino superior e investigação – *Alice Mosca, AIM – Consultoria, Formação, Auditoria Unip. Lda (Sócia Gerente);*

OUTUBRO
2021

Nº 22

Nº 23

NOVEMBRO
2021



- // Universidade, indústria e poder local: Uma triáde impossível? – *Soumidip Sarkar, Vice-Reitor da UÉvora;*
- // Cooperação internacional na área da educação: o que ganhamos com os programas de mobilidade? – *Cesaltina Pires, Vice-Reitora da UÉvora;*
- // A Internacionalização da UÉvora através da cooperação – *Marina Cordeiro, Coordenadora do Gabinete de Apoio à Mobilidade;*
- // Cooperação em investigação e formação avançada – *Manuel Galvão de Melo e Mota, Presidente do Conselho Científico do IIFA;*
- // Extremadura, parceiro natural – *Antonio Sáez Delgado, Responsável pela Cátedra de Estudos Ibéricos e Diretor do Departamento de Linguística e Literaturas;*
- // No Equador – *Sara Marques Pereira, Departamento de Pedagogia e Educação e CIDEHUS;*
- // Rede de estudos ambientais de países de língua portuguesa: REALP Consórcio amigo / Mobilidades com países terceiros – *Manuela Morais, Departamento de Biologia e Responsável do Laboratório da Água;*
- // Cooperação em geologia: o exemplo de Timor-Leste – *Pedro Nogueira, Departamento de Geociências e ICT;*
- // A China-Europe Water Platform: um exemplo de cooperação transcontinental – *Ana Mendes e João Rabaça, Departamento de Biologia e MED;*
- // Dez anos de cooperação internacional: uma estória com o instituto de educação matemática e científica da Universidade Federal do Pará (Brasil) – *António Borralho, Departamento de Pedagogia e Educação e CIEP;*

Nº 24

DEZEMBRO
2021



- // Porquê? – *Ana Costa Freitas, Reitora da UÉvora;*
- // Dinâmicas de cooperação – *João Veloso, Vice-Reitor da Universidade de Aveiro;*
- // Universidade, lição e ligação para a vida – *António Serrano, CEO - Jerónimo Martins Agro-alimentar;*
- // Propriedade intelectual e exploração de resultados de investigação: o elo mais forte entre ciência e sociedade – *Pedro Horta, Departamento de Biologia e MARE-UE;*
- // Uma comunidade de carreira e empregabilidade – *Fernanda Correia e Bárbara Guedes, U.Porto Talento e Carreira, Universidade do Porto;*
- // Licenciatura em música: uma oportunidade para um múltiplo mercado – *Mário Dinis Marques, Diretor de Curso de Música;*
- // Estágios académicos da UE em psicologia no ACES-AC da ARS Alentejo – *Alexandra Oliveira e Isabel Fernandes, Psicólogas no Agrupamento de Centros de Saúde do Alentejo Central (ACES AC);*
- // Estágios académicos da UE em enfermagem no ACES-AC da ARS Alentejo – *Paula Pimpão, Enfermeira e Vogal do Concelho Clínico e de Saúde da ACES AC;*
- // A Formação em contexto de estágio na licenciatura em ciências do desporto – *Hugo Folgado, Diretor de Curso de Ciências do Desporto e CHRC;*
- // Unidade de gestão de laboratórios: o software de gestão laboratorial – *Ana Cláudia Saúde, Laboratório da Água da Universidade de Évora;*
- // A trabalhar para a academia – *Carlos Godinho, DIC2E;*



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

SERVIÇOS DA REITORIA

DIVISÃO DE INOVAÇÃO COOPERAÇÃO EMPREENDEDORISMO E EMPREGABILIDADE

Contactos

Casa Cordovil

R. Dom Augusto Eduardo Nunes 7 | 7000-651 | Évora

gaitec@reitoria.uevora.pt

<https://www.uevora.pt/inovar>

Procure o **D!C2E** nas redes sociais



Ficha Técnica

Título | TREZE

Coordenação | Reitoria da Universidade de Évora - D!C2E

Edição | Paulo Infante

Design e fotografia | Divisão de Comunicação

ISSN 2184-8467